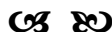


## RESENHA

### A BIOGRAFIA NA HISTÓRIA, A HISTÓRIA NA BIOGRAFIA

Diogo da Silva Roiz

*Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul - Brasil*



DOSSE, François. *O desafio biográfico: escrever uma vida.*

São Paulo: Edusp, 2009.

**A** história biográfica tem voltado ao palco da pesquisa histórica. Não como uma abordagem apenas preocupada com o sentido da ação dos grandes homens, nem tão pouco simplesmente os inserindo em seus contextos, por meio da análise dos principais acontecimentos em que estes estariam vinculados. Pelo contrário, as abordagens têm procurado levar em conta uma dialética entre acontecimentos, conjunturas e estruturas, elites e massas, indivíduos e grupos, palavra e ação, de modo a não simplificar a trajetória numa visão linear e teleológica.

Contudo, se os estudos biográficos voltaram a chamar a atenção dos estudiosos em função do aumento considerável da produção de biografias nas últimas décadas, é preciso se questionar quais os caminhos e descaminhos que a própria biografia seguiu na história e quais os distanciamentos e as aproximações que se deram entre história e biografia. Ao mesmo tempo, é necessário ainda ter em conta de que maneiras os estudos biográficos foram pensados, criticados, negados e praticados ao longo do tempo.

É tendo em vista as intensas e constantes reviravoltas da biografia na história da historiografia que François Dosse procurou reconstituir seu itinerário. Apesar de sua

predisposição em demonstrar a eficiência da abordagem hermenêutica para a composição da biografia intelectual, nem por isso o autor deixou de lado a exposição de outras abordagens que se preocupam com a análise do indivíduo e sua relação com o contexto em que viveram.

De imediato, notou que a análise do mercado editorial francês e de suas peculiaridades em relação ao estudo e a produção de biografias poderia ser promissora. Primeiro, por que indica de que maneira estão distribuídas as coleções, editores, autores e a forma com que tratam os estudos biográficos e produzem suas biografias. Segundo, por que fornece subsídios para se vislumbrar a variedade do mercado editorial no trato com o tema ao identificar o número das tiragens, o número médio de edições e de vendas por título, o público alvo e os aspectos teóricos e metodológicos dos textos, com vistas a abranger determinados públicos e à captação de maior lucratividade. Terceiro, por fornecer indicadores de como o mercado pensa os públicos especializados e o público em geral de leitores de biografias. Quarto, por indicar a variedade de formas de se escrever uma biografia e como o mercado editorial definia suas escolhas de acordo com os públicos visados. Isso envolvia desde modelos clássicos de abordar a vida, de forma cronológica e linear, por meio de anedotas que definiam o caráter e a conduta dos biografados, até textos mais complexos, nos quais se evidenciava as contradições na personalidade e em suas escolhas.

Ao mesmo tempo, o autor também procura evidenciar quais as razões que fizeram com que os estudos biográficos recebessem tamanha atenção do mercado editorial francês depois dos anos de 1980, principalmente em função da renovação da história política e dos estudos biográficos e de uma mudança epistemológica no interior do movimento dos *Annales*.

Após discutir os dilemas e a projeção do gênero biográfico no meio editorial francês e resumir seu desenvolvimento no tempo, como uma passagem da *idade heróica*, para a *biografia modal* e, desta, para a *idade hermenêutica*, enfatiza que a passagem de uma para a outra não correspondia ao seu desaparecimento, mas a uma convivência na qual haveria coexistência de modelos, ainda que cerceado pela hegemonia de um sobre os outros. Mas antes de chegar a este ponto é preciso sintetizar os principais pontos de seu argumento e para fazê-lo nada mais adequado do que tentar agrupá-lo com os estudos que comenta, concorda ou critica.

Para Momigliano (1993) a biografia nasce no século 5 antes de Cristo mas, em vista da falta de documentos, não há evidências seguras para informar se não foram praticadas

anteriormente. A biografia apareceria tanto inscrita em pinturas de vasos, em tragédias, comédias e dramas como nos relatos de viagens. No entanto, foi no século 4 depois de Cristo que o gênero teria se difundido pelo Ocidente. Para ele, a principal função das biografias na antiguidade era a de construir modelos de conduta, códigos morais para serem seguidos, além de propiciarem a elaboração de uma memória, em geral, exemplar para a posteridade.

Dosse (2009, p. 123-51) não terá tamanha preocupação com o surgimento do gênero, mas sim com sua difusão pelo Ocidente. Ao fazer isso, contudo, observa que a noção de indivíduo só aparece na antiguidade para desenhar o retrato do modelo a ser seguido. O referencial é o típico, o modelo, e não o homem e sua singularidade. Para exemplificar os procedimentos que foram utilizados na antiguidade ele toma como base as obras de Plutarco, *Vidas paralelas*; de Suetônio, *Vida dos doze Césares*; e de Diógenes Laércio, *Vidas, doutrinas e sentenças de filósofos ilustres*.

Mas, para ambos, haveria certas características que aproximariam história e biografia e outras que as distanciariam. Para eles, ambas surgiram no mesmo período, visavam a fazer com que o passado dos homens não caísse no esquecimento, além de fornecer exemplos para serem seguidos ou evitados. Ao fazerem isso, entretanto, a história procurava se amparar num discurso pautado na verdade, enquanto a biografia não se amparava em tal estratégia. Ela se detinha sobre o ocorrido, enquanto a biografia se estenderia também para o imaginado. A história apoiava-se exclusivamente em documentos, enquanto a biografia ampliava seus horizontes com o uso da imaginação.

Para Dosse (2009, p. 151-93), no período medieval, assim como na antiguidade, a biografia também se apresentará como um gênero distinto da história, dando-se o mesmo com a escrita da vida de santos, que se firmaram com as hagiografias. No século 7 ocorreu uma transformação no modo de narrar a vida dos santos, em função de um movimento geral em busca da individualização. Para ele, essa mutação terá seu auge nos séculos 15 e 16<sup>1</sup>.

A partir do século 16 ampliou-se o processo de individualização, por que também

---

<sup>1</sup> Em sua análise dos usos da biografia no Renascimento europeu, Peter Burke (1997, p. 83-98) procurou analisar de que maneira a idéia de indivíduo teria sido pensada no período. Igualmente observa como a historiografia oitocentista, com base na obra de Jacob Burckhardt (1818-1897), teria pensado a questão. Para ele, não seria a especificidade do indivíduo que prevaleceria nas narrativas, mas sim sua relação com a coletividade. É mais na coletividade que os indivíduos apareceriam. Apesar de construir um painel sobre a época do reinado de Luís 14, o rei sol, seu objetivo foi justamente o de apreender de que maneira o rei, indivíduo, foi fabricado pelas coletividades e essa imagem perdurou para a posteridade, principalmente, em função da manutenção da “memória coletiva” e dos “lugares de memória” (Burke, 1994). Desse modo, a análise permite que verifiquemos as metamorfoses sobre a idéia de indivíduo, as quais o texto de Dosse (2009) procura pormenorizar desde o surgimento do gênero biográfico no Ocidente.

viria a se afastar das “biografias cavaleirescas e das hagiografias para consagrar-se à paixão pelas biografias antigas”. Nesse ínterim, a “escrita mantida entre a exemplaridade moral e a anedota singular tornar-se-á o modelo constitutivo do gênero biográfico nos tempos modernos” (Dosse, 2009, p. 155). No século 17, o movimento em torno da individualização prossegue. No século 18, o herói passaria a ser tratado como simples personagem de uma narrativa e suas qualidades não seriam mais vistas em bloco, mas sim como uma série de qualidades distribuídas entre certos indivíduos, além de sua aceção carregar também certo tom irônico. Mas nem por isso o herói desaparece do horizonte, visto que passará a ser cogitado na configuração de uma identidade patriótica, em geral, representada pelo grande homem, cujo processo se consolidará no século 19<sup>2</sup>.

Ao mesmo tempo, exemplifica o processo com os casos das biografias elaboradas sobre Giorgio Vasari, Van Goghi e Annibale Carracci, na pintura, de Beethoven, Mozart e Bach, na música, e de Thomas Mann na literatura. Para ele, esses “estudos biográficos permitiram situar melhor como acontece, na história literária, o vínculo entre a vida e a obra do artista, a importância da sensibilidade do momento, os motivos musicais e as múltiplas relações com o público” (Idem, p. 190).

Num outro horizonte, destaca como *a história como mestra da vida*, porque fornecedora de exemplos do passado para a orientação dos homens no presente, cedeu lugar, progressivamente, para uma história processual, que se volta para o futuro, com vistas à constituição de um projeto de cunho universalizador, delineado pelas filosofias da história. Nesse sentido, o texto resume a ascensão e o desenvolvimento do que ele definiu como *idade heróica* da narrativa biográfica e suas principais características e diferenças com relação à pesquisa histórica. Conforme indica, o século 19 continuou sendo um período fértil para a prática dos estudos biográficos entre amadores e historiadores profissionais, ainda que estes não deixassem de demonstrar suas críticas ao gênero. Críticas, aliás, que se tornaram mais sistemáticas ao resumir a *biografia modal* e a *idade hermenêutica*.

Não obstante a pluralidade de formas de se narrar a vida de um indivíduo, nas décadas iniciais do século passado se vislumbrou, com maior regularidade, os modelos

<sup>2</sup> Por sua vez, o texto de Sabina Loriga (1998, p. 225-49) informa acerca da multiplicidade de formas de pensar o indivíduo no século 19: como herói, homem patológico, homem-partícula, nos quais o eu do indivíduo seria cotejado em sua variedade de papéis sociais, evidenciando que este não é uniforme no tempo. Essa multiplicidade não derivaria apenas da transposição do indivíduo em ‘herói’ e, depois, em ‘grande homem’, como observou Dosse (2009), mas também pelo fato de que não se olhava para o passado para elencar exemplos para o presente, mas sim para deduzir as leis do movimento histórico. Nesse processo, o indivíduo cumpriria um papel e o ‘grande homem’ do 19 tomaria para si os encargos, os desafios de agir em prol do desenvolvimento. Daí a preocupação da autora em nos informar as relações entre contexto e indivíduos, indivíduos e mudança social.

de biografias que se constituíram em narrativas cronológicas e lineares, nas quais se vislumbrava a vida de um indivíduo como começo, meio e fim previamente definidos, além de procurar deduzir dos exemplos morais, das especificidades físicas e emocionais e das anedotas singulares, o conjunto de qualidades e defeitos que faziam parte do caráter e da personalidade do biografado<sup>3</sup>. Para Dosse (2009, p. 195-228), esse era o tipo de biografia mais comumente encontrado no mercado editorial do período.

Segundo ele, em função de críticas vindas do âmbito das Ciências Sociais e, depois, do movimento dos *Annales*<sup>4</sup> ao ídolo dos grandes homens e a idéia de acontecimento, a renovação do gênero e a maior aproximação entre história e biografia só ocorreu depois dos anos de 1960, em função da reorientação do próprio movimento dos *Annales* e das alterações do mercado editorial francês.

Não por acaso, com certa razão, em meados dos anos de 1970, Pierre Bourdieu (1996, p. 183-91) expressaria seu descontentamento com esse tipo de abordagem. Para ele, é questionável o tipo de biografia puramente cronológica e linear, que estabelece um sentido teleológico para o indivíduo, pois as peculiaridades do contexto e a especificidade da trajetória do indivíduo tornariam escolhas, ações e personalidades múltiplas, plurais e, em dadas circunstâncias, também contraditórias. Por essa razão, critica o tipo de biografia voltada para a história de vida com curso e caminho orientado e definido desde o início, com começo, meio e fim antecipadamente estabelecidos. Em vista disso, propõe que se aborde o indivíduo de acordo com sua ação e representatividade na constituição, organização e manutenção nos diferentes campos.

Nesse sentido, o indivíduo deve ser analisado por meio de sua trajetória, a qual deve ser vista de acordo com a movimentação dos indivíduos pelos campos político, religioso, econômico, intelectual, literário. Apesar da coerência de sua postura teórica e dos cuidados metodológicos esboçados neste texto, ao compor uma auto-análise de sua trajetória profissional o próprio autor (Bourdieu, 2005) não escaparia dos riscos da linearidade e da projeção de sentido, fomentada por uma perspectiva teleológica de

<sup>3</sup> Modelo, aliás, que terá uma fortuna crítica garantida por todo aquele século, não apenas por que fora praticado por autodidatas e especialistas em outras áreas do conhecimento, mas também por suas curiosidades e anedotas continuarem a chamar a atenção de diversos públicos leitores de várias partes do mundo (Schmidt, 2000; Dosse, 2009).

<sup>4</sup> Mesmo se aqui considerarmos alguns casos emblemáticos do movimento, como é o caso de Lucien Febvre (1878-1956), que teria praticado o gênero ao estudar as trajetórias de Martinho Lutero, Felipe 2º e François Rabelais, ou de Fernand Braudel (1902-1985), que teria feito uso do gênero ao estudar o Mediterrâneo e a época de Felipe 2º, ainda que ambos o fizessem sob perspectivas diferentes daquelas em que a biografia havia sido praticada nos oitocentos e nas primeiras décadas do século passado, o movimento geral do grupo dos *Annales* foi um misto de crítica e de recusa de praticar o gênero biográfico, em função das distinções que estes viam entre a biografia e os estudos históricos (Reis, 2000; Barros, 2004).

interpretação da vida de um indivíduo. São essas que Dosse procurou demonstrar em diversos exemplos, ao comentar a biografia modal e delinear a formação de duas idades hermenêuticas: uma pautada sobre a unidade que seria dominada pelo singular, com o exemplo da trajetória de Sartre e outros, e outra na qual haveria pluralidade de identidades, porque estaria mais voltada para o homem comum e suas relações com a sociedade.

Nos anos de 1980 parecia fundamental refletir quais as estratégias de ação dos indivíduos, em meio à constante coação que lhes submetiam a racionalidade dos sistemas indicada pelo estruturalismo e, depois, também pelo pós-estruturalismo, e esse problema foi fundamental para a pesquisa e para a formulação das hipóteses de Giovanni Levi nos textos *A herança imaterial* (1985) e *Os usos da biografia* (1989).

Como indica neste último texto (Levi, 1996, p. 167-82), naquelas circunstâncias a biografia estaria no centro das preocupações dos historiadores por que se recorria a ela para demonstrar a irredutibilidade dos comportamentos dos indivíduos diante dos sistemas normativos gerais ou, então, era usada para provar hipóteses concernentes as leis e regras sociais que coagem qual o tipo de ação a ser adotada pelos indivíduos. Para ele, o mais importante seria refletir os jogos de escala, os esquemas de racionalidade social e as relações entre regras e práticas, com vistas a demonstrar qual o espaço de liberdade de ação dos atores em seus contextos.

Se Bourdieu havia notado a inevitável *ilusão biográfica* nas tentativas de se descrever uma vida de modo cronológico e linear e, em vista disso, proposto o estudo das trajetórias dos indivíduos em meio aos campos que percorreriam, Levi quer pensar a biografia enquanto um espaço, lugar de tomada de decisões no âmbito do qual transparecem as tensões entre a racionalidade dos sistemas sociais e a possibilidade de liberdade de ação dos indivíduos.

Nesse caso, para além dos campos que prescreveriam um modo de agir, em função do *habitus* do indivíduo e do grupo, propõe que também seria possível “uma considerável margem de liberdade que se origina precisamente das incoerências dos confins sociais e que suscita a mudança social” (1996, p. 182), como já havia procurado demonstrar com o estudo da trajetória de Giovan Battista Chiesa, em *A herança imaterial* (2000).

Não seria sem razão que, a partir dos anos de 1990, haveria um meticuloso cuidado metodológico dos pesquisadores ao indicarem as maneiras pelas quais se poderia abordar a vida de um indivíduo. A preocupação de Jacques Le Goff (1999, 2001) em expressar os caminhos e as escolhas que efetuou ao abordar a vida de São Luís e de

São Francisco de Assis é apenas um exemplo, entre vários possíveis. Evidentemente, não se pode deixar de lado que a necessidade desse autor de justificar o objeto pesquisado nos moldes de uma biografia, também se devia ao fato de pertencer a um movimento (o dos *Annales*), que desde sua origem havia criticado e negado os estudos biográficos para o campo dos estudos históricos.

Se até o final dos anos de 1980 o gênero biográfico era objeto de críticas e reticências mesmo entre historiadores não vinculados ao movimento dos *Annales*, na década seguinte, “os historiadores eruditos, autores de biografias, já não precisam se justificar junto a seus pares por ter escolhido esse gênero, que não constitui mais objeto de depreciação”, mas, ao contrário, “tendem a aumentar-lhe o valor” (2009, p. 104). Daí, como já havia indicado Dosse, a importância de se estudar o movimento do mercado editorial e as escolhas que são feitas pelos autores de biografias ao abordarem a vida de um indivíduo.

Ao procurar sintetizar esse amplo e complexo debate em torno dos estudos biográficos e da pesquisa histórica que Dosse demonstrou como nas duas idades hermenêuticas há a preocupação pela subjetividade, como indicaria o próprio questionamento de Sartre, e, depois, pelas massas, com a redução de escala que foi propiciada pela micro-história e que veio a mostrar a importância do homem comum.

Nesse aspecto, o autor demonstra como a renovação do gênero, nas últimas décadas do século passado, aconteceu a partir de relatos biográficos que procuraram acompanhar linhas de intensidade múltiplas ao expressarem as contradições, complexidades e tensões das personalidades e ações dos indivíduos ao longo de suas trajetórias. Ao adentrar nessas questões, Dosse procura inquirir a possibilidade de se produzir biografias intelectuais na dialética entre a vida do pensamento e o pensamento da vida. Evidentemente, não há como adentrar, nesse espaço, em todos os pormenores de seu argumento e na forma pela qual procura indicar a operacionalidade de determinados métodos para a composição da biografia intelectual.

Em resumo, a obra oferece um rico painel sobre o desenvolvimento dos estudos biográficos no Ocidente, quais relações, diferenças e aproximações se deram entre história e biografia, de que modo se passou de uma idade heróica, para uma biografia modal e, desta, para as idades hermenêuticas. É certo que a tradução tornou certas passagens um pouco confusas, pelo modo como tentou fazer uma tradução literal do francês para o português, mas também é certo que isso não tira os méritos do texto, nem tão pouco da tradução. Ademais, o texto chega à boa hora, ainda mais por que torna

possível pensar a biografia na história e a história na biografia, ao mesmo tempo em que oferece um belo painel da história da historiografia ocidental.

## Referências

- BARROS, José d'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERRERA, Marieta de Moraes (org.) *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 183-91.
- BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BURKE, Peter. *A fabricação do rei: a construção da imagem pública de Luís 15*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. *Revista Estudos Históricos*. São Paulo: FGV, v. 10, n. 19, 1997, p. 83-98.
- LE GOFF, Jacques. *São Francisco de Assis*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LE GOFF, Jacques. *São Luís: biografia*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século 17*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERRERA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 167-82.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 225-49.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *The development of greek biography*. Cambridge: Cambridge University, 1993.
- REIS, José Carlos. *Escola dos Annales: a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- SCHMIDT, Benito Bisso (org.). *O biográfico: perspectivas interdisciplinares*. Santa Cruz do Sul: Unisc, 2000.

DIOGO DA SILVA ROIZ é professor da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, doutorando em História na Universidade Federal do Paraná e mestre em História pela Universidade Estadual Paulista.

Endereço: Rua Tibagi, 404/100 - 80060-110 - Curitiba - PR - Brasil.

E-mail: [diogoroiz@yahoo.com.br](mailto:diogoroiz@yahoo.com.br).

Recebido em 1º de novembro de 2011.

Aceito em 22 de dezembro de 2011.